

O ENCONTRO EXISTENCIAL EM LOGOTERAPIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS COM A DIALÓGICA DE MARTIN BUBER

THE EXISTENTIAL ENCOUNTER IN LOGOTHERAPY: POSSIBLE DIALOGUES WITH THE MARTIN BUBER'S DIALOGIC COMMUNICATION

Valdir Barbosa Lima Neto
Rafael Rebouças Andrade

Resumo. O presente trabalho visa tematizar o encontro existencial em Logoterapia, investigando as influências que a Filosofia Dialógica de Martin Buber tem na concepção de encontro desenvolvida por Viktor Frankl. De início será apresentado as principais ideias que compõe a filosofia do diálogo genuíno de Buber. Em seguida abordaremos as concepções teóricas e antropológicas da Logoterapia, a fim de elucidar sua proposta de atuação. Por fim, será identificado a influência que o pensamento dialógico tem no método do encontro existencial, aprofundando a discussão epistemológica e metodológica e ampliando as possibilidades de se pensar a prática logoterapêutica.

Palavras-chave: Logoterapia; Encontro; Dialógica.

Abstract. This study aims to thematize existential meeting in Logotherapy, investigating the influence that the Dialogic Philosophy of Martin Buber has in the encounter concept developed by Viktor Frankl. Initially it will be presented the main ideas that make up the philosophy of genuine dialogue of Buber. Then we discuss the main theoretical and anthropological concepts of Logotherapy in order to elucidate its proposed action. Finally, will be identified the influence that the dialogical thinking has in the existential encounter method, deepening the epistemological and methodological discussion and expanding the possibilities of thinking logotherapy's practice.

Keywords: Logotherapy; Encounter; Dialogic.

A Logoterapia e Análise Existencial constitui-se como uma escola de psicoterapia fundada por Viktor Emil Frankl, psiquiatra e neurologista vienense. Caracterizada como a terapia do sentido da vida, a Logoterapia propõe-se a possibilitar desdobramentos de sentido, a partir de um enfoque existencial sobre a pessoa humana (Lima Neto, 2013).

Frankl (2011) destaca o ineditismo de sua proposta psicoterapêutica como um resgate as questões essencialmente humanas, em contraposição aos enfoques pulsionais, instintivos e contingenciais referenciados por outras Psicologias de seu tempo, em especial a crítica de Frankl dirigia-se a Psicanálise e ao Behaviorismo, argumentando que estas adotaram métodos que redundaram em restringir o homem a apenas alguns aspectos de suas dimensões biológicas, psíquicas e sociais. Para tanto, Frankl propõe como enfoque metodológico privilegiado de atuação, o encontro existencial, método desenvolvido a partir de implicações da fenomenologia e das filosofias da existência. Portanto, a Logoterapia atentaria para o aspecto da existência humana, enquanto a dimensão que integra o homem em sua totalidade.

Segundo Frankl, cada vez mais a relação EU-TU tem sido apontada como o âmago da questão e, desse modo, Frankl faz referência direta a Filosofia Dialógica de Martin Buber e a compreensão relacional de encontro assumi um lugar de grande relevância dentro das bases da Logoterapia (Frankl, 2005). Tal aspecto sobre o método clínico logoterapêutico, no entanto, embora que claramente destacado por Frankl, parece não ter sido aprofundado pelo autor, deixando lacunas a respeito de como o logoterapeuta deve atuar dialogicamente e uma espécie de espaço conceitual ainda a ser explorado (Kroeff, 2011).

Esse trabalho objetiva, por meio de revisão de literatura, reestabelecer a discussão acerca da concepção de encontro existencial em Logoterapia, por meio dos diálogos entre a Dialógica de Martin Buber e o pensamento frankliano. Resgataremos as ideias dos autores originais, buscando o aprofundamento das possibilidades de encontro, possibilitando uma compreensão mais ampla acerca dos fundamentos da atuação em Logoterapia.

De início, situaremos o pensamento de Martin Buber (2010), importante pensador, estudioso de Filosofia, Fenomenologia, Mística Judaica e Psiquiatria, que influenciou amplamente a Psicologia existencial e humanista. Em seguida apresentaremos o pensamento de Frankl e sua Logoterapia, explicitando sua concepção e proposta de atuação. Por fim, percorreremos um caminho de aproximação entre os pensamentos de Viktor Frankl e Martin Buber, respeitando seus campos próprios de conhecimento e atuação, sem o objetivo de fundir as ideias dos dois autores, entretanto, desdobrando a riqueza humana que emerge dos pontos de confluência entre esses dois grandes pensadores, no intuito de ampliar a discussão metodológica da Logoterapia e perspectivar sobre sua forma de atuação a partir de suas raízes epistemológicas.

BUBER E A FILOSOFIA DO DIÁLOGO

Filósofo, teólogo e profundo estudioso da mística do extremo oriente, sobre tudo do pensamento místico judaico, Martin Buber desenvolveu uma filosofia baseada no diálogo genuíno, compreendo o homem a partir das múltiplas relações concretas que os seres humanos estabelecem com os outros seres no mundo, afirmando uma visão antropológica e ontológica extremamente influente no século XX. Além dos estudos sobre hassidismo e o pensamento místico, Buber ocupa um lugar importante dentro de uma linha existencial no meio filosófico. Ainda que o próprio autor não assumisse o rótulo de existencialista, o filósofo foi um grande estudioso da fenomenologia-existencial. Denominando de filosofia dialógica, o pensamento de Buber passou a influenciar de forma direta ou mesmo indireta, toda a prática, a concepção e a metodologia das escolas psicológicas humanistas e existenciais que se desenvolveram na segunda metade do século XX. Abordar Buber, nesse sentido, é falar de uma importante raiz de fundamento para todo o movimento da chamada terceira força em Psicologia (Fonseca, 2014).

A DIALÓGICA BUBERIANA

A filosofia do diálogo de Buber (2010) nos fala sobre um modo de olhar o homem como sendo constituído de forma relacional, ou seja,

para o pensamento dialógico, o homem só é na relação concreta com o outro no mundo e, a partir dessa relação. A relação é fundante, tanto do homem quanto do mundo que se relaciona com ele. Só a relação é, de modo que na relação e por meio das relações o ser humano co-cria e co-realiza seu mundo junto aos outros seres. Para tanto, Buber (2010) fala que a nossa atitude pode ser dupla diante do outro, existindo, então, dois modos ontológicos de se relacionar com o mundo. O modo EU-TU e o modo EU-ISSO.

O modo EU-ISSO é a forma de ser fática, objetiva e explicativa, é o modo que opera em uma racionalidade reflexiva e utilitarista, uma vez que é uma relação entre sujeito e objeto, na qual o sujeito manipula e usa o objeto. Estabelecer uma relação EU-ISSO com o outro é toma-lo como coisa, como algo a ser manipulado, manuseado, conceituado e rotulá-lo em um “ser-assim-e-não-de-outro-jeito”, para já usarmos das palavras de Frankl(2012). Já o modo EU-TU é forma de ser facultativa, atual e presente, que emerge no fluxo da vivência imediata de um TU, portanto, de uma alteridade radical e irreduzível. Na relação com uma alteridade, não há manipulações ou explicações, mas sim a partilha gratuita e despreziosa de sentidos, uma inter-afetação, uma experiência vivida com o outro, na qual ambos saem transformados. O EU se remete ao TU, assim como o TU se remete ao EU. É nesse sentido que a relação EU-TU é o modo de ser ontológico e fundante. Buber afirmará que o EU se faz diante do TU, pois esse modo de ser e se relacionar é sempre a emergência do inédito e do criativo. Todo encontro genuíno é sempre a criação do novo, portanto, toda criação é gerada pela relação EU-TU. Nesse sentido, a dialógica compreende a relação como condição de possibilidade para existência humana, ela não é uma opção, o homem não escolhe se relacionar, escolhe de que modo se relacionar. E, como ressalta Buber, a escolha por uma ou outra atitude implica diretamente na transformação constante desse EU, pois o EU que diz ISSO não só coisifica o outro, mas também coisifica a si mesmo, já o EU que diz TU é implicado num ato de troca e afetação mútua, é necessariamente uma relação de recriação de si e do outro. Pois, lembramos, para Buber o EU é anterior a relação e, uma vez que ele é fundado na relação, é a partir do relacionar-se que nós nos tornamos quem somos. É desse modo que o homem apresenta dois modos

de ser, a partir da relação que ele estabelece com seu mundo, ele pode ser uma repetição de uma forma já dada como coisa, como um ISSO ou pode ser uma alteridade genuína e irreduzível.

Ser é relação entre pessoa e mundo

Quando falamos de EU-ISSO e de EU-TU, não estamos apenas dizendo do homem, mas também do mundo dessa relação. O mundo do EU-ISSO é a realidade factual, é, como dirá Buber (2010), o ser-passado, uma vez que é o reino de algo que já foi realizado e apenas se reproduz, reapresenta, resente e repete. O modo de ser EU-ISSO é um modo de ser engessado, padronizado e repetitivo, é o modo de ser da instalação, do acontecido e do realizado. Já o reino do EU-TU é necessariamente o ser-presente, é pura atualidade, acontecimento imediato, é o mundo do possível, portanto, do ato de desdobramento de possibilidades, do fluxo do momento, da existência enquanto existindo. Esses dois modos se alternam ontologicamente, na medida em que, no final de todo momento de fluidez ativa, precede um momento da instalação, portanto, Buber afirma que todo EU-TU quando se encerra, pois ele existe na categoria do momento, da instantaneidade imediata, torna-se EU-ISSO, porém, de todo EU-ISSO pode emergir um EU-TU. É a própria realização (vivência EU-TU) do que se tornará real (modo EU-ISSO). Logo, em qualquer situação e em todo ser humano coisificado em si mesmo, é possível haver a entrega concreta a uma relação com o TU, pois é na dialógica da relação EU-TU que somos em nosso modo existencial, genuíno, modo regenerativo e recriativo das forças e possibilidades da vida.

Uma importante consideração de Buber é sua noção de pessoa. O homem em sua duplicidade ontológica, em seus dois modos de ser, pode se apresentar como um ser objetivado e um ser existencial, um ser da relação objetivista que toma o outro da relação como objeto, apresentando-se como sujeito individual que dá o sentido as coisas. No entanto, pode se apresentar como pessoa existencial, entrando em relação de partilha, troca e interafetação com o outro, confirmando sua diferença e singularidade radical, entrando em contato com a totalidade inapreensível por completo da alteridade e, da mesma forma, apresentando-se como outra diferença radical. É desse modo que a pessoa encontra sentido no mundo. É a relação EU-TU onde ocorre a dialógica (*Dia*: compartilhamento,

Logos; sentido), esse movimento de contato e de transformação, pois ambos, tanto o EU quanto o TU saem diferentes após esse encontro, deixam de serem os mesmos de antes, pois a dialógica, o EU-TU é o modo da atualidade, da imersão do inédito, da recriação. É o espaço em que Buber dirá que o espírito se manifesta:

O espírito em sua manifestação humana é a resposta do homem ao seu Tu... Este espírito é a resposta ao Tu que se revela dos mistérios, e que do seio desde mistério o chama. O espírito é palavra. O espírito não está no Eu, mas entre o Eu e o Tu. Ele não é comparável ao sangue que circula em ti, mas ao ar que respiras (Buber, 2010, p. 75).

Espírito é a palavra, o sopro que anima, que move, que flui e que cria. É na relação que o espírito se manifesta, é no diálogo genuíno da pessoa com o mundo que é possível, ambos mudarem, transforarem-se mutuamente. A pessoa apresenta-se como a categoria sobre a qual sopra o espírito, é na qualidade de pessoa existencial, no modo EU-TU de sermos e nos relacionarmos, que manifestamos o espírito. Nesse sentido, é na condição do diálogo genuíno que encontramos o cerne antropológico buberiano, pois é quando o homem se dá como pessoa, lançando-se na relação concreta com o TU, na vivência instantânea do presente relacional com o outro, que efetivamente torna-se humano.

A TERAPIA DO SENTIDO DE VIKTOR FRANKL

Médico, psiquiatra e neurologista, Viktor Emil Frankl criou um método de tratamento psicológico que denominou Logoterapia. Nascido em Viena, no ano de 1905, deu início a sua trajetória acadêmica dedicando-se a estudos em medicina, psicanálise e psiquiatria. Além da Medicina e Psicologia, Frankl tinha um grande interesse no estudo da Filosofia. Destacamos aqui sua decisiva aproximação à Filosofia Existencial que se deu principalmente por influência de dois Docentes muito próximos a Frankl: Oswald Swcharz e Rudolph Allers. Foi principalmente pela influência de Allers que Frankl se voltou a leitura de Max Scheler, fenomenólogo e estudioso das questões antropológicas e éticas.

É importante, contudo, levar em conta qual era o clima acadêmico que serviu de plano de

fundo para a construção da Logoterapia. Havia naquele início do século XX todo um contexto histórico-científico, caracterizado por uma eminente transição de valores, que conseqüentemente despontava em uma crise na filosofia e ciência. A reivindicação própria da Filosofia Existencial, com claros desdobramentos antropológicos e éticos se contrapunha com a até então maneira de construção do conhecimento.

Mais ou menos em uma mesma época, diferentes autores, principalmente provindos de Viena e França, escreviam, cada um sob uma perspectiva distinta, uma proposta filosófica e uma reflexão que se contrapunha a toda uma tradição contemplativa e ideologista. É possível falar de um clima da época, de todo um contexto científico e histórico que envolvia esses autores, como um espírito próprio do seu tempo. Por isso, existe uma forte relação e ampla possibilidade de aproximação entre as teorias dos diversos autores existencialistas. Não é sem razão que quando lemos autores como, Friedrich Nietzsche(2009), Martin Heidegger(2010), Max Scheler(2003), mesmo que provindos de raízes diferente e falando de perspectivas próprias, podemos ter realmente a sensação, ainda que as vezes seja apenas sensação, que esses autores falam coisas semelhantes, com palavras diferentes.

Envolvida por esse clima acadêmico e pelo espírito de sua época, a Logoterapia surge no século XX, entre os anos 30 e anos 50, de fato, como uma proposta de Psicologia, em resposta ao cenário das psicoterapias vigentes na época de sua fundação. Sobre isto, a Logoterapia surge da própria inquietação do autor, Viktor Frankl (2010), com relação às Psicologias que, por seu método e práxis, desconsideravam os aspectos especificamente humanos. Vê-se aí uma reivindicação central da Logoterapia: a necessidade de re-humanizar a psicoterapia.

No entanto, re-humanizar a psicoterapia para Frankl ganha um significado peculiar, tem a ver com voltar-se aos fenômenos e dimensões especificamente humanos, o que, segundo Frankl, para teorias psicológicas vigentes em sua época, escapavam-lhes. “O que no presente momento parece mais necessário em Psicologia, mais que qualquer outra coisa, é que a psicoterapia entre na dimensão humana” (Frankl, 2005, p.59). O voltar-se aos aspectos propriamente humanos, reivindicação tradicional das Psicologias

Humanistas, ganha na Logoterapia, traços específicos, baseados numa proposta antropológica particular.

Em síntese, poderíamos dizer que a Psicanálise nos ensinou a desmascarar o neurótico e o behaviorismo nos ensinou a desmitizar a neurose. Ora, como Petrilowitsch e Kvilhaug o veem, a Logoterapia está nos ensinando a “reumanizar” tanto a Psicanálise como o behaviorismo (Frankl, 2005, p.10).

Frankl (2011), então propunha uma Psicologia que fosse capaz de perceber o homem em sua totalidade, o que só poderia se dar pela consideração de sua dimensão espiritual. “Já se consagrou a expressão Psicologia profunda; (...) Cumpre perguntarmo-nos se não terá já soado a hora de vermos, no âmbito da psicoterapia, a existência humana, não só na sua profundidade, mas também nas suas alturas” (FRANKL, 2003, p. 20). Dessa forma, Frankl trazia em sua teoria o Homem como um ser espiritual, sem desconsiderar, no entanto, todo seu aspecto factual e anímico. A proposta de Frankl apresenta, portanto, uma visão ampla do humano, também considerando suas dimensões biológica e psicológica, e ainda sem negar todo seu caráter social. Acerca disso, Frankl denomina o homem como um ser bio-psico-espiritual, isto é, tridimensional, embora uno. “Analogamente, penso eu, pode-se definir o homem como multiplicidade na unidade” (Frankl, 2003, p. 3). Frankl, em muitos de seus textos, mencionava a Logoterapia como uma psicoterapia em termos espirituais. “A psicoterapia que tem se feito até agora revela-se, assim, insuficiente em face de todo o espiritual. Mais do que insuficiente, aliás: perante o espiritual, ela nem sequer é competente.” (Frankl, 2010, p 31).

A Dimensão Espiritual

O polo espiritual, isto é, a peculiaridade própria do ser homem, representa a capacidade de afastar-se de toda sua condição anímica, natural, determinada por instintos e pulsões. Desse modo, o homem capaz de se autodistanciar da natureza, bem como de objetivar a mesma, objetivando inclusive sua própria condição natural, toma para si um caráter de liberdade possível. É importante, então, destacar que, de fato, o termo espírito assume uma polissemia, especialmente na língua portuguesa, o que pode

gerar um equívoco na compreensão original trazida por Frankl como Psicologia em termos espirituais. A Psicologia em termos espirituais, ou mesmo, à psicologia das alturas, como o autor se refere a Logoterapia, obviamente não se confunde com Teologia ou mesmo com misticismo, mas aponta um aspecto da compreensão própria de visão antropológica da Logoterapia. Para o homem, justamente por ser espiritual, a liberdade é possibilidade eterna. O homem, portanto, sendo capaz de decidir criar e se criar, é livre no seu decidir, uma liberdade que não é falta de limitação, mas que, na verdade, é muito mais a sempre possibilidade de decisão diante das limitações (Scherler, 2003).

O ser humano é dotado de dimensão espiritual, justamente por isso, é um ser autotranscendente. Não é, portanto, o homem um ser imanente, mas sim abertura, transcendente. Quando dizemos que o homem não é, queremos dizer que este ser homem não se finda em sua facticidade, ou seja, não se constitui apenas como um sistema fechado, mas sim torna-se enquanto está em relação, aberto ao outro, um ser no gerúndio, um “sendo”, um horizonte de possibilidades, um ser-aí mundano que não se finda em si mesmo.

Dirá Frankl(2010) que a realidade humana é uma possibilidade, e seu ser é sempre um poder-ser.” Nunca o homem se confunde com a sua facticidade. Ser homem – poderíamos dizer – não significa ser faticamente, mas antes facultativamente” (Frankl, 2010. p. 121). No entanto, desdobrando, ainda, tal compreensão de autotranscendência, entendemos que “ o aspecto essencial autotranscendente da existência confere ao homem a qualidade de um ser que se move numa busca para além de si mesmo” (Frankl, 2011. p. 17). Do mesmo modo, Frankl compreende o caráter autotranscendente como relacional, pois toda transcendência aponta para algo ou alguém, este é um aspecto intrínseco a dimensão espiritual, sua condição relacional.

O que é, então, em última instância, esse ser-junto-a do espiritualmente ente? Trata-se da intencionalidade desse ente que é de maneira espiritual! O ente que é espiritualmente, porém, é intencional no fundo de sua essência, e, assim, é possível dizer: um ente que é de maneira espiritual é espiritualmente ente, é um ser-consciente, é “junto a si” a medida que “é” junto a um outro ente

– à medida que “se conscientiza” de um outro ente. (Frankl, 2012, p.75).

O MÉTODO COMO ENCONTRO

Contudo, que implicações uma concepção dialógica de homem e de mundo poderiam ter sobre uma terapêutica? A Logoterapia elege o *Logos* como pedra angular de sua proposta de atuação e investigação, este entendido enquanto sentido, enquanto espírito, e agora, já podemos dizer também, enquanto relação, palavra proferida e diálogo. Se a dimensão espiritual compreende a totalidade do homem e aquilo que é genuinamente humano, uma terapêutica que tomasse como referência esta dimensão, estaria numa postura de voltar-se ao homem mesmo, em sua ontologia própria. Desse modo, na perspectiva de uma psicoterapia, o necessário, segundo Frankl (2012), seria o ir além da dimensão anímica, elevando a Psicologia ao nível espiritual, ao nível do diálogo. Para tanto, reivindica-se, necessariamente, uma mudança metodológica.

Uma psicologia... que se orienta pelo modelo metodológico das ciências naturais, se compromete com uma falsificação, com uma desnaturalização, e com uma desumanização do sujeito humano, na medida em que este sujeito, submetido à observação, se transforma, inevitável em objeto (Frankl, 1990, p. 35).

O homem, em sua totalidade não é passível de objetualização, do mesmo modo, busca-se uma Psicologia que contemple o homem em sua totalidade e genuinidade, isto é, que volte-se a existência, a dimensão espiritual, seu método não pode ser de caráter eminentemente técnico, objetivo e explicativo. Nesse sentido, lembremos das palavras de Max Scheler:

O espírito é o único ser que é por si mesmo incapaz de ser objetivado. O Centro do espírito, a pessoa, não é, portanto, nem um ser objetivado, nem um ser coisificado... Tudo que é anímico é passível de objetivação- mas não o espiritual (...). Como pessoas não podemos objetivar nem mesmo outras pessoas” (Scheler, 2003. p 45).

Contudo, podemos compreender que a postura metodológica da Logoterapia se dá pela adoção da necessidade de co-apreensão dos atos humanos. Esta co-apreensão se configura de

forma fenomenológica e relacional, por meio do caráter intencional dos atos espirituais.

A tradição fenomenológica, desde Brentano e Husserl, traz a concepção de intencionalidade como fundamento estruturante no desdobramento do método fenomenológico. “A ideia de intenção está no fundamento do compreender tal como supõem as investigações que se reconhecem da fenomenologia das ciências humanas” (Dartigues, 2008, p. 47). É justamente esse caráter intencional que estrutura o homem como um ser-referido, um ser-aí, um diferentemente-ente. A relação, portanto, “propriamente só a relação é” (Frankl, 2010, p. 17). Desse modo, se a relação é, e o homem é relação, para a fenomenologia a experiência interhumana é o lócus próprio de construção do saber sobre o humano. Como uma terapêutica que enfatiza a dimensão espiritual, é por meio do caráter intencional do espírito, portanto, junto aos atos do espírito que o método clínico logoterapêutico se estrutura. Vemos então mais uma forte implicação do dialógico no pensamento frankliano, encontrando na concepção de autotranscendência seu aspecto existencial, exclusivamente humano. Pois entendemos que é somente na qualidade de autotranscendência que é possível acompanhar os atos do espírito.

Só conseguimos conquistar uma participação nas pessoas se acompanharmos a realização e co-realizarmos seus atos livres”. Isto só pode ser alcançado (...) através daquela compreensão (Scheler, 2003, p 46).

Buber(2012) afirmará que é necessário esquecer de si mesmo e ter o mundo todo em mente, enquanto alteridade radical, para assumir um diálogo genuíno. O método proposto pela Logoterapia privilegia o contato pessoal e visa uma não objetualização do homem, promovendo sua autotranscendência e enfocando sua dimensão existencial. Privilegia-se, portanto, o encontro e seu desdobramento. Apenas nesse movimento de transcendência que o espírito se dá, na relação concreta e mundana com a alteridade.

ENCONTRO EXISTENCIAL COMO CAMINHO PARA O SENTIDO

A compreensão de encontro parte do próprio entendimento de intencionalidade da tradição fenomenológica, portanto, da abertura

da consciência e, conseqüentemente, de autotranscendência (Frankl, 2012). Frankl lembramos:

Buber e Ebner não apenas descobriram o lugar central que o encontro ocupa na vida do espírito humano, mas também definiram tal vida como basicamente um diálogo entre um eu e um tu (Frankl, 2005. p. 61).

Direcionar uma atuação para a dimensão espiritual significa exatamente, nesse sentido, privilegiar a relação de diálogo genuíno da pessoa com seu mundo, compreendendo que é nessa relação onde se desdobram os sentidos na existência. Ratificamos, portanto, que Frankl é influenciado diretamente por Buber e por seu conceito de encontro dialógico. “Cada vez mais a relação Eu- Tu tem sido apontada como o âmago da questão” (Frankl, 2011. p. 17). Vê-se aí a importância dada por Frankl à dimensão do encontro dialógico para a Logoterapia, enquanto um fundamento crucial para uma ascensão metodológica orientada para o espírito, para além formulações técnicas e objetivistas. Repetidas vezes Frankl abodará a terapia como uma relação entre duas incógnitas, a singularidade da pessoa do terapeuta e a singularidade da pessoa do cliente, dessa soma de alteridade distintas, resulta o encontro inter-humano.

Há muito, já se percebeu que o que tem mais significância na terapia não são as técnicas, mas, sim, o tipo de relação humana que se estabelece entre terapeuta e paciente, isto é, a questão do encontro pessoal e existencial (Frankl, 2011. p. 14).

O entendimento do conceito de encontro e de relação a partir da compreensão da autotranscendência em Frankl ganha ainda novos contornos. “Portanto, relação; propriamente só a relação é. Poderíamos, por conseguinte, usar esta fórmula: todo ser é ser-referido” (Frankl, 2010. p. 17). Ser homem é sempre um ser referido, entendemos que, para Frankl quando se fala de sujeito, se fala necessariamente de intersubjetividade. E mais, quando se fala em encontro, pretendendo elevar a Psicologia além do anímico, precisamos elevar a categoria antropológica além do sujeito, chegando até a pessoa espiritual. A palavra pessoa é oriunda do verbo latim *personare*, que significa “ressoar através de...”, nesse sentido, lembramos das

palavras de Buber “O espírito não está no Eu, mas entre o Eu e o Tu. Ele não é comparável ao sangue que circula em ti, mas ao ar que respiras” (Buber, 2010, p. 75). O que ressoa através da pessoa é propriamente o espírito, a palavra proferida, o logos. Como abordado anteriormente, a categoria de pessoa é central no entendimento metodológico do encontro e inseparável da categoria do espírito, revelando uma concepção antropológica que implica uma postura logoterapêutica aberta a pessoalidade de si e do outro. Um logoterapeuta que se afirme enquanto pessoa, disponibilizando-se ao diálogo, é, portanto, a condição fundante de uma conversação genuína e, portanto, de um verdadeiro encontro.

Não se trata tal encontro como apenas um acontecimento de contato interpessoal, mas sim de um verdadeiro diálogo, de interafetação. Frankl (2005) afirma que nenhum diálogo é possível, se não for introduzida a dimensão do logos. Um diálogo sem o logos seria, de fato, um monólogo recíproco. O encontro, portanto, existencialmente falando, pressupõe uma relação dialógica que compreende a autotranscendência como fundamento de realização e concretização da própria existência; O encontro, assim, é propriamente e especificamente humano e, não somente isso: a compreensão enquanto dialógica compõe o encontro existencial enquanto método, pois só é a partir deste que se é possível a co-apreensão dos atos espirituais.

O SENTIDO E RELAÇÃO

Sentido, em Logoterapia, é entendido como a motivação básica para a existência (Frankl, 2011). Aquilo que alimenta e preenche a alma. Mas seria equivocado tomar isso que motiva o homem a viver como algo que ocorresse dentro de cada pessoa, ou como se estivesse guardado no mundo a fora. O sentido só acontece no que Buber chama de esfera do entre, na relação ontológica entre um EU e um TU, naquela específica atitude na qual duas alteridades se confirmam, compartilham e se transformam mutuamente (Buber, 2010). E, ao mesmo tempo, é nesse relacionar-se que se manifesta a dimensão espiritual.

Com isso, o espiritualmente ente se realiza no ser-junto-a, assim como esse ser-junto-a do ser espiritual é a sua possibilidade mais

originariamente própria, sua capacidade propriamente dita (Frankl, 2012, p.75).

Portanto, essa motivação básica da existência configura-se como ato do espírito, como a pura atualidade relacional onde estão implicadas duas alteridades. Desse modo compreendemos a busca por sentido como a procura pela relação, pelo encontro verdadeiro e gratuito com o outro. Porém, não devemos, equivocadamente, confundir relacionar-se com socializar-se. É importante lembrar que, quando Buber(1982) nos fala de EU-TU, ele ressalta a possibilidade de estabelecer tal relação de três formas: com a natureza, com o elemento humano e com o próprio sagrado. Nesse sentido, a concepção de encontro aponta para algo existencial, profundo e ontológico.

Nesse sentido, divergindo das tradicionais visões psicológicas mencionadas anteriormente, o mundo, na compreensão logoterápica, não é algo indiferente ao homem, que surge como um natural absurdo. Mas sim um Tu que se relaciona intrinsecamente e constantemente com o Eu espiritual, ambos se constituindo e afetando-se reciprocamente. O mundo responde ao Eu espiritual e nessa premissa o espírito é sempre um “estar-junto-à”, existindo necessariamente em relação concreta e direta com o mundo (Lima Neto, 2013, p.224)

Desse modo, podemos compreender que a ausência de sentido significa a ausência de encontro, carência de relação. O vazio existencial, a redução dos fenômenos eminentemente humanos, revela a dificuldade do homem em ser pessoa, em ressoar sua existência através do espírito, do encontro, dificuldade em autotranscender e reconfigurar a si mesmo na relação com o mundo. É exatamente na qualidade de nosso diálogo com o mundo que podemos por em ato o espírito, nossa dimensão propriamente humana, dotando, assim, a vida de sentido.

O homem vive no espírito na medida em que pode responder ao seu Tu. Ele é capaz disso quando entra na relação com todo o seu ser. Somente em virtude de seu poder de relação que o homem pode viver no espírito (Buber, 2010, p. 75).

Portanto, reafirmamos que focar o diálogo genuíno como forma de atuação em

Logoterapia implica necessariamente privilegiar as possibilidades genuinamente humanas de transformação, regeneração e autoconfiguração próprias à pessoa. O sentido só existe em relação e na relação, pois aquela dimensão propriamente humana, o aspecto espiritual no homem é pura relação. Relação existencial e autotranscendente, relação de encontro. Desdobrar sentido é dialogar, é vivenciar o possível e transforma-lo em real (Buber, 2010). É vivenciar a dinâmica relacional de nossa dimensão noética, a noodinâmica, enquanto modo de ser e operar existencial e tomando o homem em sua totalidade: Poder-Ser entre o Ser e o Dever-Ser (Pereira,2013). A Logoterapia, abordando o encontro existencial como caminho de atuação, privilegia esse enfoque dialógico, relacional e existencial. E, desse modo, resgata na psicoterapia aquela dimensão ontológica no homem, que segundo Frankl (2011), havia se apagado na âmbito Psi. O encontro, portanto, é propriamente e especificamente humano e, não somente isso: a compreensão como método, é parte do encontro existencial, pois só é a partir deste que se é possível a co-apreensão dos atos espirituais entre duas pessoas. Por essa via metodológica, o logoterapeuta convoca, provoca, co-apreende e co-participa intensamente com seu cliente, pois cada encontro é uma oportunidade para um genuíno diálogo, sem reduzir, conceituar, analisar e explicar o outro. Sem tomá-lo como um ISSO, como um objeto ou como uma coisa, mas percebê-lo em sua totalidade como um genuíno dizer TU, como uma alteridade radical e, dessa maneira, assumir uma conduta autêntica, aberta, presente e criativa.

A relação com o Tu é imediata. Entre o Eu e o Tu não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em que passa dos detalhes à totalidade. Entre Eu e o Tu não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação; e a própria aspiração se transforma no momento em que se passa do sonho à realidade. Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos, acontece o encontro (Buber,2010 p.13).

Desse modo, terapeuta e cliente tornam-se parceiros na jornada pelo sentido e essa própria configuração relacional se torna, por si, um fator que humaniza o espaço psicoterápico e o dota de

sentidos. Retomar os fundamentos dialógicos de Martin Buber (1982) implica em resgatar uma compreensão mais profunda que significa o encontro existencial. A abordagem proposta por Frankl (2011), que direciona suas ações para trabalhar os sentidos vividos pelas pessoas e a possibilidade de viver sempre novos sentidos, implica, a rigor, uma terapêutica que entende que somente por meio de uma genuína e verdadeira relação inter-humana, é possível encontrar motivação e propósito para a existência, somente por meio da relação é possível haver alguma transformação na vida de alguém.

CONCLUSÃO

As semelhanças entre Frankl (2012) e Buber (2010) vão além de suas concepções de homem. Ambos foram profundamente influenciados pelo judaísmo, estudaram psiquiatria e tematizam a pessoa espiritual, Buber no âmbito da filosofia, Frankl na Psicologia, cada um seguiu seu próprio caminho em prol de um mundo mais humano. Buber aborda uma ontologia que concebe o homem enquanto um ser constituído nas suas relações. Frankl parte da premissa de se retornar a dimensão ontológica, para humanizar a psicoterapia. Desse modo, é o encontro existencial, enquanto método, que abre caminho para uma verdadeira humanização da psicologia e da psiquiatria. Tanto Frankl quanto Buber acreditavam que somente através de uma relação inter-humana genuína seria possível haver uma verdadeira transformação pessoal.

Nesse sentido, a relação não é uma opção, mas sim uma condição de possibilidade do existir humano. O homem não escolhe se relacionar, escolhe de que modo se relacionar: do modo EU-TU ou do modo EU-ISSO. O modo EU-ISSO é a forma de se relacionar objetivamente e *explicativamente* com as coisas, manipulando-as. O modo EU-TU é a forma de se relacionar existencialmente e *compreensivamente* com a alteridade. A dialógica é o método de relação de compartilhamento de sentidos na esfera do EU-TU, que possibilita a pessoa humana se recriar em cada encontro.

Assumindo o método fenomenológico como uma de suas bases de investigação, Frankl

compreende o homem como um ser bio-psico-espiritual, isto é, tridimensional, considerando suas dimensões biológica e psicológica, e ainda sem negar todo seu caráter social. Acerca disso, de uma forma destacada, a dimensão espiritual é tida como a esfera propriamente humana, que torna o homem um ser peculiar e que o dota de potencialidades que lhes são próprias.

De todo modo, Buber exerceu uma influência filosófica direta no pensamento de Frankl, que elege o encontro existencial e a relação EU-TU fundamento epistemológico e metodológico para sua terapêutica do sentido, uma vez que é a dimensão espiritual conecta esses dois pensadores.

Após constatar tais pontos, percorreremos um caminho de aproximação entre os pensamentos de Viktor Frankl e Martin Buber, respeitando seus campos próprios de conhecimento e atuação, sem o objetivo de fundir as ideias dos dois autores, entretanto, desdobrando a riqueza de olhares sobre a pessoa humana que emerge dos pontos de confluência entre esses dois grandes pensadores.

Concluindo, então, podemos perceber que a busca por sentido é a busca por encontro, pelo diálogo com uma alteridade radical que implica o homem a transcender-se para a esfera do entre, vivenciando sentidos e reconfigurando a si mesmo. O sentido é vivenciado como um ato, uma resposta na relação existencial ao TU.

O logoterapeuta é um parceiro que convida e provoca a pessoa humana do cliente a transcender de sua condição fatalista, e vivenciar sentidos a partir de um diálogo genuíno, co-participando e co-realizando atos do espírito plenos de significados sempre novos. Portanto, evidencia-se a gama de possibilidades ainda a ser explorada epistemologicamente a respeito da concepção de encontro existencial em Logoterapia. Esse trabalho, muito mais do que encerrar sua temática, abre uma discussão com intuito de ampliar novos e ricos caminhos de estudos e aprofundamentos acerca do tema, visando a uma fundamentação cada vez mais apurada da Logoterapia e uma prática logoterapêutica responsável, criativa e autêntica, bem como seu fundador sempre desejou.

REFERÊNCIAS

- Buber, M. (1982) *Do Diálogo e do Dialógico*, Ed. Perspectiva S.A. , São Paulo (SP)
- Buber, M. (2010) *Eu e Tu*, Ed. Centauro, São Paulo (SP)
- Buber, M. (2012) *O Caminho do Homem Segundo o Ensino Chassidico*, Ed. Realizações, São Paulo (SP)
- Dartigues, A. (2008) *O que é a Fenomenologia?* Centauro, 10. ed. São Paulo(SP).
- Frankl, V. E. (1990) *A Questão Do Sentido Em Psicoterapia*, Papirus Editora, Campinas (SP).
- Frankl, V. E. (2005). *Um Sentido Para A Vida: Psicoterapia E Humanismo*; Ed. Ideias E Letras, Ed.11, São Paulo (SP).
- Frankl, V. E. (2011). *A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia*; Ed. Paulus Ed.1, São Paulo (SP).
- Frankl, V. E. (2012). *Logoterapia e Análise Existencial: Textos de seis décadas*; Ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro(RJ).
- Lima Neto, V. B. (2013).*Existência e Sentido: A Logoterapia como uma genuína psicoterapia fenomenológico-existencial*. *Revista Logos e Existência*, v.2, n. 1, p. 2-15.
- Lima Neto, V. B. (2013) *A espiritualidade em Logoterapia e análise existencial: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial*. *Revista da Abordagem Gestáltica* , v. 19, n. 2.
- Heidegger, Martin, (2009). *Ser e Tempo*, Ed.Vozes Petrópolis (SP).
- Pereira, I. S. (2007). *A Vontade de Sentido na Obra de Viktor Frankl*. *Psicologia USP*, 18(1), 125-136.
- Pereira, I. S. (2013). *A Ética do Sentido da Vida*. Ideias e Letras. 1. Ed. São Paulo(SP)
- Nietzsche, F.(2010). *Genealogia da Moral*, Ed. Companhia de Bolso, São Paulo (SP).
- Scheler, F. M. (2003), *A Posição Do Homem No Cosmos*, Ed. Forense Universitária, Rio De Janeiro (Rj).

SOBRE OS AUTORES:

Valdir Barbosa Lima Neto: Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e mestrando em Psicologia Social pela mesma universidade. Possui formação em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológica-Existencial com Afonso H. L. Fonseca e Especialização em Psicologia das Relações Humanas pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Foi membro fundador e atual colaborador do Núcleo de Psicologia Clínica da UFC (Nuplic) e do Laboratório de Estudos e Práticas Psicoterápicas Fenomenológicas, Existencialistas e Humanistas (LAP'FEH). Membro da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, é professor do departamento de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará e responde como coordenador pedagógico do Instituto Sherpa de Psicologia Clínica, onde atua como psicoterapeuta e responsável técnico. Insere seus estudos nas áreas de Tanatologia, Fenomenologia, Filosofia Existencial e Epistemologia das Psicologias Fenomenológicas, Existenciais e Humanistas, com ênfase teórica e prática em Logoterapia e Análise Existencial.

Rafael Rebouças Andrade: Psicólogo CRP 11/11691, formado pela Universidade Federal do Ceará . Diplomado Internacional em Logoterapia y Análisis Existencial pelo Instituto Peruano de Logoterapia e Análisis Existencial "Viktor Frankl", e Formación y Especialización en Logoterapia y Análisis Existencial também Instituto Peruano de Logoterapia e Análisis Existencial "Viktor Frankl". Especialização em Gestão escolar e coordenação Pedagógica pela Universidade 7 de Setembro. É professor da pós-graduação da Faculdade Católica de Fortaleza, e professor de diplomados do Instituto Peruano de Logoterapia y Análisis Existencial "Viktor Frankl". Trabalha como Psicólogo da equipe Multidisciplinar e em trabalho de coordenação e supervisão pedagógica no Programa PRONATEC prisional, na Secretaria de educação do Estado do Ceará. Atua também como psicólogo Clínico no Instituto Sherpa de Psicologia.